

# O PT e PSDB nas eleições presidenciais de 2006, 2010 e 2014

Jairo Nicolau

6 de julho de 2015

## Resumo

O propósito do trabalho é observar as eventuais mudanças e continuidades da votação do PT e PSDB nas eleições de 2006, 2010 e 2014 nas cidades brasileiras. Por intermédio de um modelo de regressão linear (OLS), o artigo procura mostrar o peso da regiões, comparativamente ao de outras variáveis sociodemográficas (renda per capita, população e analfabetismo adulto) e do principal programa social implementado pelos governos petistas (o Bolsa Família).

**Palavras-chaves:** eleições presidenciais; PT; PSDB.

## Introdução

A comparação da votação de Luís Inácio Lula da Silva em 2006, com a obtida quatro anos antes revela uma série de diferenças importantes. Se observarmos os resultado das eleições nos municípios, por exemplo, veremos que enquanto em 2002 a votação de Lula tendia a ser mais alta nas cidades de maior renda e com melhores indicadores sociais, em 2006 este padrão se inverteu, com sua votação tendendo a ser maior nos municípios de menor renda e com pior situação social. As eleições de 2006 foram marcadas ainda pela consolidação do Nordeste como o principal reduto regional do PT. No primeiro turno de 2002, Lula obteve em média 31% dos seus votos nas cidades da região, quatro anos depois este valor saltaria para 61%. O desempenho de Dilma Rousseff nas eleições de 2010 repetiu o padrão sociológico e espacial observado em 2006: sua votação tende a ser mais alta nos municípios de menor renda, confirmando o Nordeste como o seu principal reduto eleitoral. (SOARES; TERRON, 2008; MARZAGÃO, 2013)

Nas eleições de 2014, a propaganda eleitoral do PT foi dirigida basicamente aos eleitores de renda mais baixa, os principais beneficiários dos programas de transferência de renda implementados pelos governos do partido. Por outro lado,

o principal candidato de oposição, Aécio Neves (PSDB) obteve maior apoio entre eleitores de renda e escolaridade mais altas. Será que esta polarização social observada na campanha se refletiu nas cidades brasileiras? Em que medida o padrão observado nas votações do PT e PSDB em 2006 e 2010 se repetiria em 2014? Houve alguma mudança relevante em relação à votação dos candidatos na região Nordeste?

O propósito deste trabalho é observar as eventuais mudanças e continuidades da votação do PT e PSDB desde as eleições de 2006, disputa que mudou o padrão da votação petista. O artigo está dividido em duas seções principais. A primeira, apresenta uma série de gráficos e mapas com os resultados das eleições presidenciais nos municípios brasileiros. A segunda seção utiliza um modelo multivariado para dimensionar os efeitos de algumas características dos municípios na votação final dos candidatos.

## 1 O PT e o PSDB em três disputas

Na apresentação dos resultados das eleições brasileiras, a imprensa e quase todos os pesquisadores têm por hábito excluir os votos nulos e em branco da análise, considerando, deste modo, apenas os votos válidos. O problema desta opção é que além de não incluir o voto de milhões de eleitores que anularam o voto ou apertaram a tecla em branco da urna eletrônica, ela desconsidera a intensa variação dos votos inválidos nos municípios. Para ter um quadro mais completo da manifestação das preferências eleitorais no Brasil sugiro que devemos incluir na análise os votos de todos os eleitores que compareceram para votar. Portanto, neste trabalho, o percentual de votos de cada candidato é calculado sobre o comparecimento.

A Figura 1 apresentam a votação mediana dos candidatos do PT - Lula em 2006 e Dilma em 2010 e 2014 - no primeiro turno - nos municípios brasileiros, segundo a renda per capita. As cidades foram divididas em cinco faixas (quintis). As barras do gráfico mostram o percentual médio de votos em cada faixa. Nas três eleições, os candidatos do PT tiveram o mesmo padrão: a média de votos cai à medida que aumenta as faixas de renda. Nas cidades de menor renda, Dilma obteve uma média de 68% dos votos, o patamar mais alto já alcançado por um candidato do PT à Presidência neste segmento.

O resultado da votação dos candidatos do PSDB nas três últimas eleições presidenciais - Alckmin em 2006, Serra em 2010 e Aécio em 2014 é apresentado na Figura 2, que lembra um espelho invertido da votação do PT. Os candidatos do PSDB melhoram sua votação à medida que aumenta a renda per capita dos municípios. Nas cidades mais pobres, Aécio obteve a pior votação de um candidato do PSDB desde 1994, em média, apenas 10,7%.

As Figuras 3 e 4 mostram, respectivamente, a votação dos candidatos do PT e PSDB nos municípios das cinco regiões do país. As barras representam o percentual médio de votos obtidos nos municípios de cada região. Em 2014, Dilma obteve nas cidades do Nordeste e Norte o maior percentual de votos de um candidato presidencial do PT, respectivamente 55% e 65% dos votos. Em relação ao pleito de 2010, a votação de Dilma diminuiu nas cidades das outras três regiões do país.

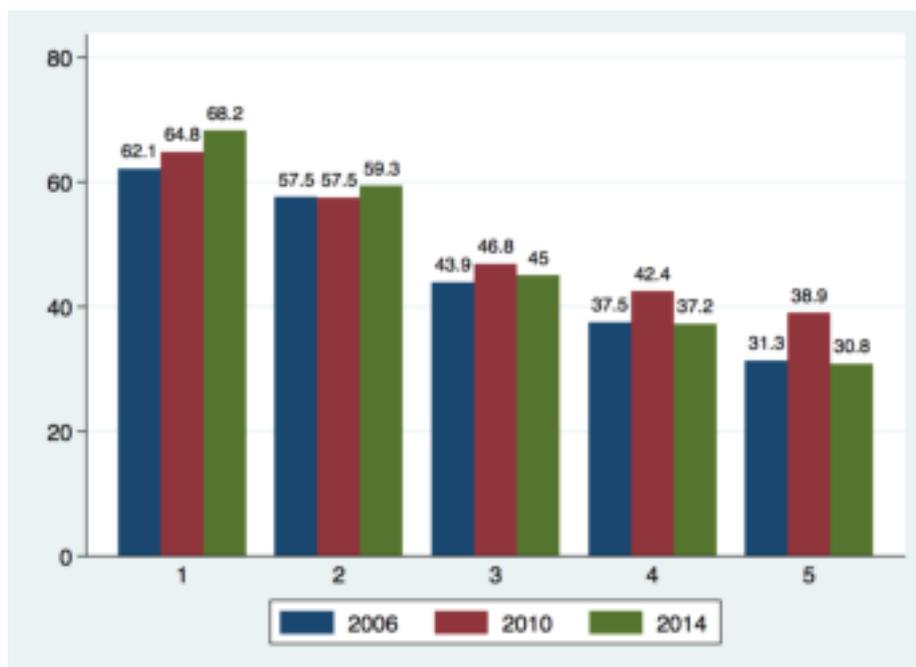


Figura 1 – Percentual de votos do PT, segundo o quintil de renda. Eleições para presidente, 2006-2014.

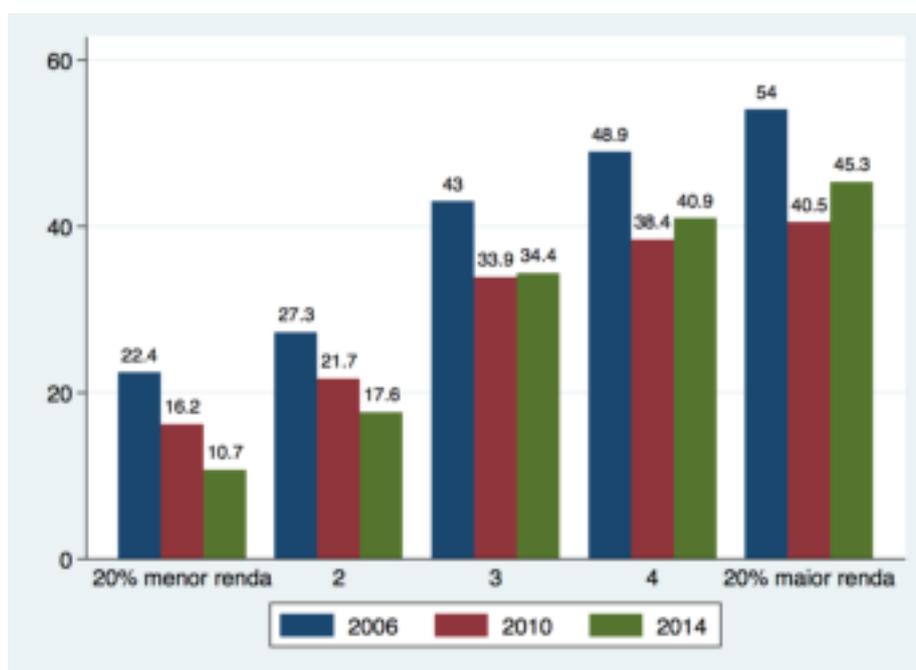


Figura 2 – Percentual de votos do PSDB, segundo o quintil de renda. Eleições para presidente, 2006-2014.

Os candidatos do PSDB perderam apoio de maneira constante nas regiões Nordeste e Norte, justamente as regiões nas quais o PT cresceu constantemente. Em 2014, Aécio saiu-se melhor do que Serra nas cidades das regiões Centro-Oeste, Sul

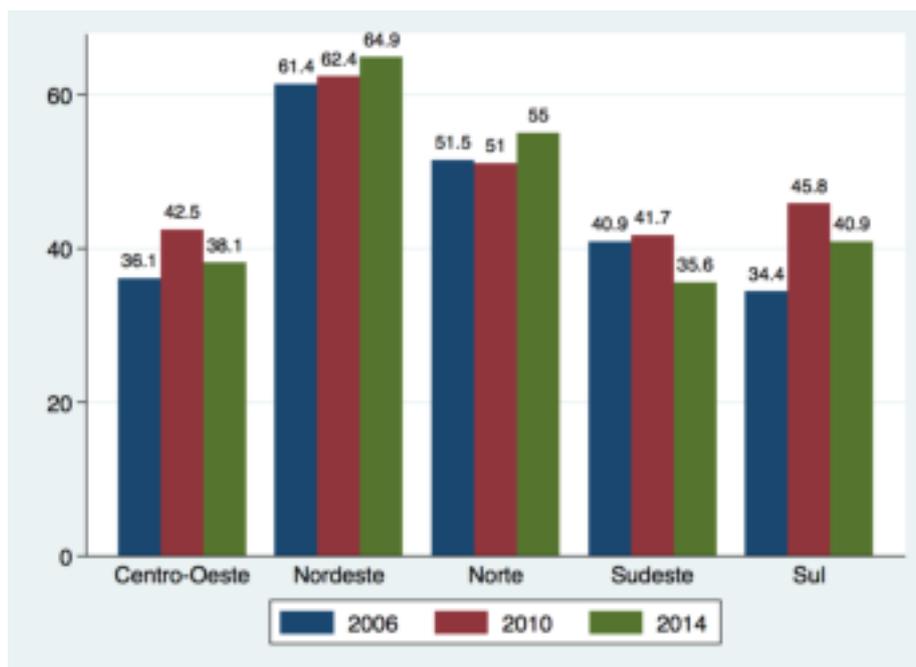


Figura 3 – Percentual de votos do PT, segundo a região. Eleições para presidente, 2006-2010.

e Sudeste, mas recebeu votações bem abaixo de outros candidatos do PSDB nas cidades das duas outras regiões.

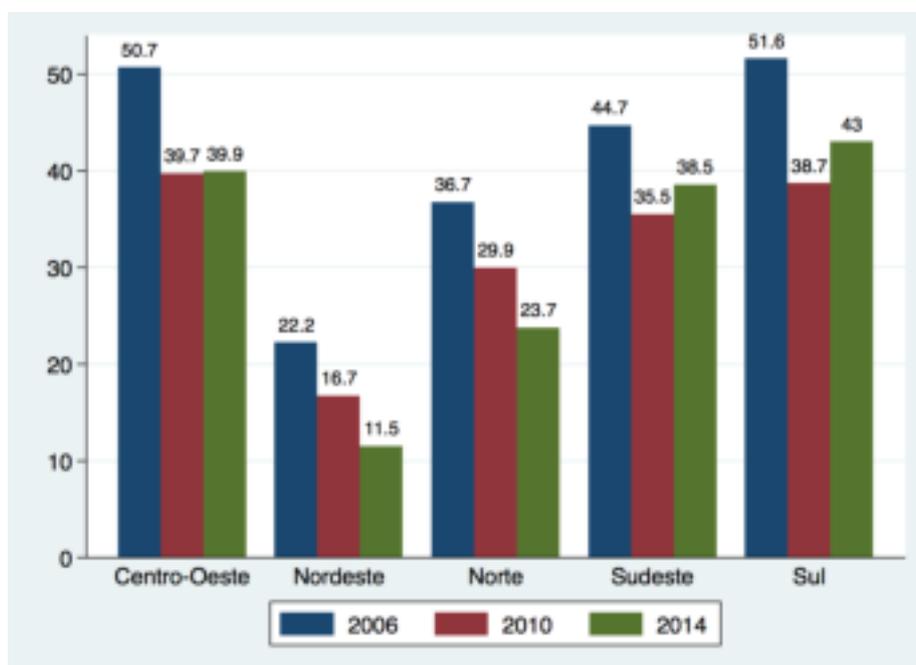


Figura 4 – Percentual de votos do PSDB, segundo a região. Eleições para presidente, 2006-2010.

## 2 Análise de regressão

As figuras apresentadas na seção anterior mostraram que nas três eleições analisadas, tanto o nível de renda das cidades, quanto a dimensão regional - particularmente a forte presença do PT nas regiões Norte e Nordeste - tiveram efeito na votação dos dois principais concorrentes às eleições presidenciais. O próximo passo é analisar o impacto destes e de outros fatores simultaneamente. Além da renda per capita, selecionei mais duas variáveis demográficas: população e taxa de analfabetismo entre a população com mais de 18 anos. Tanto a renda como a população foram transformadas em escalas logarítmicas. Os dados das três variáveis são do censo de 2010.<sup>1</sup> A região Sudeste foi utilizada como categoria de referência para as outras variáveis.

O efeito do Bolsa Família na eleições presidenciais é provavelmente o tema mais discutido recentemente pelos estudiosos das eleições no Brasil (NICOLAU; PEIXOTO, 2007; CANÊDO-PINHEIRO, 2009; ZUCCO; POWER, 2013; BOHN, 2011). Para mensurar a abrangência do programa em âmbito municipal, os pesquisadores têm utilizado diferentes medidas: percentual das famílias beneficiadas; gastos do programa per capita; razão bolsa família/PIB; média mensal de benefícios por família; razão gastos do programa por família pobres e por famílias indigentes. Optei por utilizar o percentual de famílias beneficiadas pelo programa em cada cidade.<sup>2</sup>

O percentual de votos no primeiro turno - incluindo brancos e nulos no cômputo total - foi tomado como variável dependente. Deste modo, foram construídos seis modelos. Para facilitar a comparação dos candidatos no tempo, os resultados de cada um dos modelos foram apresentados em duas tabelas, uma para os candidatos do PT, outra para os candidatos do PSDB.

A Tabela 1 apresenta seis diferentes modelos de regressão com os resultados da votação dos candidatos do PT: Lula (2006) e Dilma (2010 e 2014). Dois modelos são apresentados para cada um dos candidatos. O primeiro inclui apenas as variáveis sociodemográficas e a regiões; o segundo, além das variáveis anteriores acrescenta a cobertura do programa Bolsa família. A ideia é dimensionar o quanto o programa de transferência implementado pelo governo petista acrescenta na explicação da variação da votação dos candidatos.

Um aspecto que chama à atenção na Tabela 1 é que os sinais dos coeficientes da renda per capita e do analfabetismo são idênticos nos três pleitos. Mantidos constantes os outros fatores, quanto maior a renda e maior a taxa de analfabetos adultos nas cidades, maior a votação no PT. O efeito das regiões teve uma variação maior; a exceção é o Nordeste, que sempre tem um efeito positivo na votação do PT.

Afinal, o que acontece quando acrescentamos a variável Bolsa Família na votação dos candidatos do PT? O que muda em relação ao quadro anterior? Como mostraram os estudos anteriores, o programa de transferência do governo petista tem um forte efeito sobre a votação obtida pelo partido nas eleições de 2006 e 2010. A Tabela 1 mostra que o mesmo impacto persiste em 2014.

<sup>1</sup> Os dados estão disponíveis em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013>>

<sup>2</sup> Os dados de 2006 e 2010 foram organizados por Cesar Zucco; os de 2014 coletados junto ao Ministério do Desenvolvimento Social

A Tabela 1 mostra ainda que nas três disputas, a introdução da variável Bolsa Família reduz o impacto da renda per capita, mas este continua tendo um efeito expressivo sobre a votação do PT; ou seja, se comparamos duas cidades com todas as características iguais (inclusive o Bolsa Família), ter menor renda é um fator importante para uma maior votação para o PT.

O modelo com o Bolsa Família muda os efeitos de outras variáveis, mas acrescenta pouco na explicação da variação da votação do PT. A comparação do R<sup>2</sup> dos modelos, com e sem o Bolsa Família, também mostra pouco diferença. A forte associação entre a o percentual de famílias cobertas pelo programa e o nível de renda dos municípios é uma possível explicação para este fenômeno.<sup>3</sup>

Os modelos para os candidatos à presidência do PSDB são apresentados na Tabela 2. Em todos eles, os coeficientes das variáveis renda e Bolsa Família tem os mesmos efeitos; nos dois casos com os sinais trocados em relação à votação do PT: quanto maior a renda e menor a a cobertura do Bolsa Família, menor a votação do partido. Em termos regionais, observamos dois padrões. O primeiro é o sinal positivo da região Centro-Oeste. O segundo é o efeito negativo da região Nordeste. Como já tinha sido salientado anteriormente (ver Figura 4), o pior desempenho do partido na região foi em 2014. No modelo apresentado na tabela 1, mantido constante outros fatores, Aécio obtém, em média, cerca de 10 pontos percentuais a menos de votos na região, comparativamente ao Sudeste.

A partir dos dois modelos de regressão com a inclusão do Bolsa família de construí gráficos com os resultados das eleições de 2014. A ideia é observar os efeitos do Bolsa família segundo a região, mantidos constantes os efeitos das duas outras variáveis (renda e população). Os resultados são apresentados nas figuras 6 e 7 e mostram os resultados preditos pelos modelos para os candidatos do PT e PSDB.

As linhas mostram o percentual de votos esperados para cada candidato, segundo sete níveis de cobertura do Bolsa Família (com variações entre 20% e 80%). Por exemplo, numa cidade com 20% de cobertura (0.2 no gráfico), a expectativa é que Dilma tenha recebido cerca de 50% de votos no Sul e cerca de 40% no Norte. As linhas mostram o forte impacto do programa, com destaque para o efeito negativo da região Nordeste para Aécio e positivo da região Sul para Dilma.

### 3 Conclusão

O propósito deste artigo foi comparar o desempenho do PT e PSDB nas eleições presidenciais de 2006, 2010 e 2014. A análise da distribuição de votos dos partidos nos municípios mostrou uma forte semelhança entre os três pleitos. O PT teve um melhor desempenho nas cidades mais pobres e com maior cobertura do programa Bolsa Família. A região Nordeste tem sido, desde 2006 o principal reduto do PT na disputa presidencial e seu efeito nos dois modelos tem sido importante, mesmo na presença de variáveis sociais. A região Sul teve um impacto expressivo na

<sup>3</sup> Apesar da existência de correlação entre a renda per capita e o Bolsa Família, o teste VIF não indicou colinearidade a ponto de influenciar os modelos.

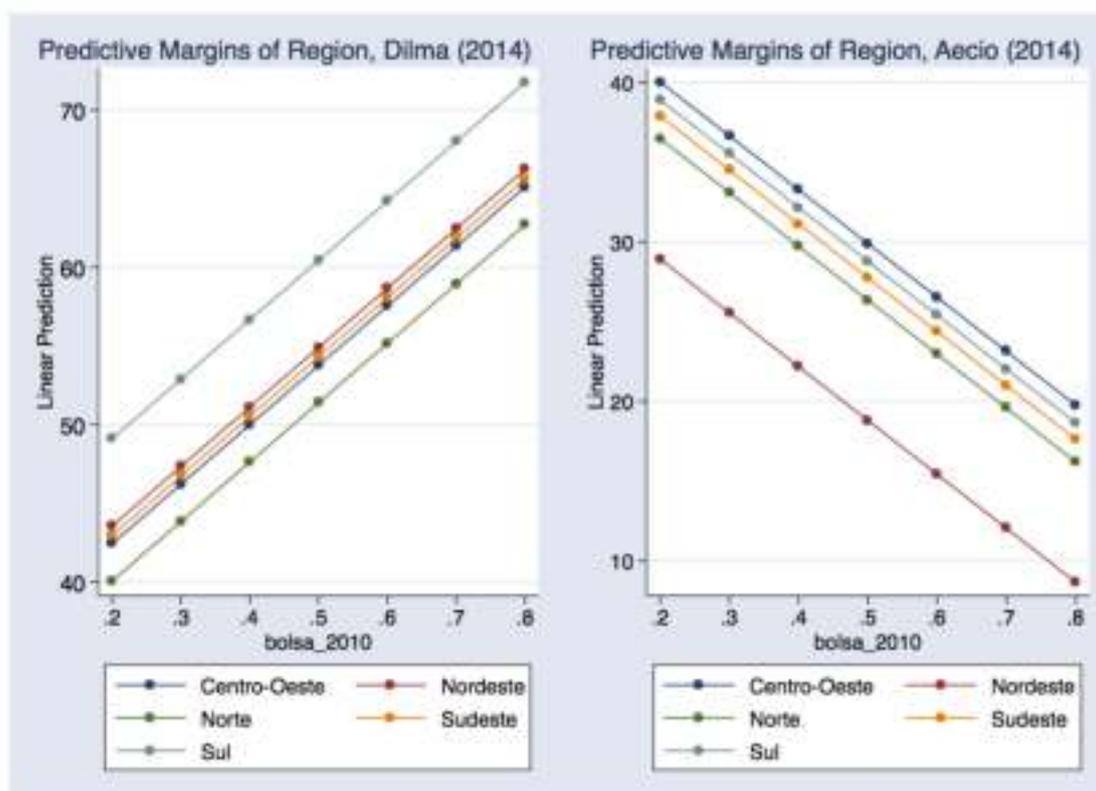


Figura 5 – Coeficientes da regressão linear. Variável dependente: percentual dos votos do PT para presidente nos municípios.

votação do PT nas disputas de 2010 e 2014; para esta última eleição, a simulação apresentada na Figura 5 é ilustrativa.

Os efeitos da renda per capita e da cobertura do Bolsa Família na votação do PSDB são inversos aos encontrados para o PT. O desempenho do partido melhora à medida que aumenta a renda das cidades e diminui a cobertura do programa Bolsa Família. A região Nordeste tem um efeito negativo e expressivo sobre a votação do PSDB nas duas disputas. Se compararmos cidades com a mesma característica, o PSDB tem, em média, uma votação bem menor em uma cidade da região Nordeste. O partido tem o seu reduto nas três eleições nas cidades do Centro-Oeste.

Um último aspecto a ser salientado é que as duas principais variáveis selecionadas (renda per capita e Bolsa Família) têm um efeito mais intenso em 2014. Na última disputa presidencial, o Brasil ficou mais dividido, com cada partido ampliando a votação no seu reduto e diminuindo no território adversário. O PT aumentando a sua votação nas cidades mais pobres e mais dependentes do programa de transferência de renda e piorando nas cidades mais prósperas. Para o PSDB observamos uma tendência inversa. O partido intensificou sua votação nas áreas mais ricas e menos dependentes do Bolsa Família.

	Lula 2006	Lula 2006a	Dilma 2010	Dilma 2010a	Dilma 2014	Dilma 2014a
(constante)	201.41*** (7.03)	141.46*** (7.44)	227.38*** (6.57)	119.67*** (7.89)	276.36*** (6.89)	167.03*** (7.85)
população log (2010)	1.54*** (0.13)	1.74*** (0.13)	-0.16 (0.12)	-0.36** (0.12)	-0.32* (0.13)	-0.41** (0.12)
renda per capita log (2010)	-15.98*** (0.63)	-11.12*** (0.66)	-16.77*** (0.59)	-7.39*** (0.70)	-21.71*** (0.62)	-12.30*** (0.70)
analfabetismo + 18 anos (2010)	-0.02 (0.03)	-0.18*** (0.03)	-0.00 (0.03)	-0.19*** (0.03)	0.14*** (0.03)	-0.07* (0.03)
Centro-Oeste	-3.99*** (0.54)	-3.57*** (0.52)	0.56 (0.50)	-0.31 (0.48)	0.57 (0.53)	-0.94 (0.50)
Nordeste	8.00*** (0.56)	5.24*** (0.56)	5.79*** (0.52)	1.67** (0.53)	6.71*** (0.55)	2.47*** (0.55)
Norte	2.06*** (0.60)	1.97*** (0.58)	-0.31 (0.56)	-3.15*** (0.55)	3.86*** (0.59)	1.84** (0.57)
Sul	-2.67*** (0.41)	-2.73*** (0.39)	6.28*** (0.38)	5.99*** (0.36)	7.26*** (0.40)	7.50*** (0.38)
bolsa família, 2006		29.13*** (1.48)				
bolsa família, 2010				40.93*** (1.81)		
bolsa família, 2014						42.08*** (1.68)
R <sup>2</sup>	0.57	0.60	0.50	0.54	0.65	0.69
Adj. R <sup>2</sup>	0.57	0.59	0.50	0.54	0.65	0.69
Num. obs.	5563	5563	5563	5563	5564	5564
RMSE	10.15	9.82	9.49	9.09	9.96	9.44

\*\*\* $p < 0.001$ , \*\* $p < 0.01$ , \* $p < 0.05$

Tabela 1 – modelos de regressão OLS, PT

	Alckmin 2006	Alckmin 2006a	Serra 2010	Serra 2010a	Aecio 2014	Aecio 2014a
(constante)	-85.64*** (7.06)	-31.01*** (7.52)	-87.17*** (6.45)	5.22 (7.84)	-102.18*** (5.89)	-15.68* (6.77)
população log (2010)	-2.20*** (0.13)	-2.38*** (0.13)	-1.27*** (0.12)	-1.10*** (0.12)	-2.14*** (0.11)	-2.07*** (0.11)
renda per capita Log (2010)	13.96*** (0.63)	9.53*** (0.67)	12.27*** (0.58)	4.22*** (0.70)	14.81*** (0.53)	7.37*** (0.60)
analfabetismo +18 anos (2010)	-0.11*** (0.03)	0.03 (0.03)	0.03 (0.03)	0.19*** (0.03)	-0.09*** (0.03)	0.07** (0.03)
Centro-Oeste	5.31*** (0.54)	4.93*** (0.52)	4.15*** (0.49)	4.89*** (0.48)	1.34** (0.45)	2.54*** (0.43)
Nordeste	-9.04*** (0.56)	-6.51*** (0.56)	-8.09*** (0.51)	-4.55*** (0.53)	-12.83*** (0.47)	-9.47*** (0.47)
Norte	0.95 (0.60)	1.03 (0.59)	2.89*** (0.55)	5.33*** (0.55)	-3.74*** (0.50)	-2.14*** (0.49)
Sul	2.92*** (0.41)	2.98*** (0.40)	1.19** (0.37)	1.44*** (0.36)	0.83* (0.34)	0.64* (0.33)
bolsa família, 2006		-26.55*** (1.49)				
bolsa família, 2010				-35.11*** (1.80)		
bolsa família, 2014						-33.29*** (1.45)
R <sup>2</sup>	0.60	0.62	0.51	0.54	0.72	0.75
Adj. R <sup>2</sup>	0.60	0.62	0.51	0.54	0.72	0.75
Num. obs.	5563	5563	5563	5563	5564	5564
RMSE	10.20	9.92	9.32	9.02	8.51	8.13

\*\*\*,  $p < 0.001$ , \*\*  $p < 0.01$ , \*  $p < 0.05$

Tabela 2 – modelos de regressão OLS, PSDB

## Referências

- BOHN, S. R. Social Policy and vote in Brazil Bolsa Família and the Shifts in Lula's Electoral Base. *Latin American Research Review*, v. 46, n. 1, p. 54–79, 2011. Disponível em: <[http://muse.jhu.edu/journals/latin\\\_american\\\_research\\\_review/v046/46.1.bohn.html](http://muse.jhu.edu/journals/latin\_american\_research\_review/v046/46.1.bohn.html)>. Citado na página 5.
- CANÊDO-PINHEIRO, L. Bolsa Família ou Desempenho da economia? Determinantes da Reeleição de Lula em 2006. n. 2008, 2009. Citado na página 5.
- MARZAGÃO, T. A dimensão geográfica das eleições brasileiras. *Opinião Pública*, v. 19, n. 2, p. 270–290, 2013. Citado na página 1.
- NICOLAU, J.; PEIXOTO, V. Uma disputa em três tempos: uma análise das bases municipais das eleições presidenciais de 2006. In: *XXXI Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: [s.n.], 2007. Citado na página 5.
- SOARES, G. A. D.; TERRON, S. Dois Lulas: a geografia eleitoral da reeleição (explorando conceitos, métodos e técnicas de análise geoespacial). *Opinião Pública*, v. 14, n. 2, p. 269–301, nov. 2008. ISSN 0104-6276. Citado na página 1.
- ZUCCO, C.; POWER, T. J. Bolsa Família and the Shift in Lula's Electoral Base, 2002–2006: A Reply to Bohn. *Latin American Research Review*, v. 48, n. 2, p. 3–24, 2013. ISSN 1542-4278. Disponível em: <[http://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/latin\\\_american\\\_research\\\_review/v048/48.2.zucco.html](http://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/latin\_american\_research\_review/v048/48.2.zucco.html)>. Citado na página 5.